



**VESPAS** – *Revista Mensal, Crítica e Humorística editada em três números, os dois primeiros pela Libreria Internacional de Ernesto Chardron (editor), com morada no Porto e em Braga, e o terceiro e último em edição do Autor, Eduardo de Barros Lobo (Gouveia, 10 de Dezembro de 1857 — Lisboa, 18 de Dezembro de 1893), cronista, contista, jornalista e tradutor. Os três números foram publicados de Janeiro de 1880 (n.º 1) a Agosto de 1880 (n.º 3), com número de páginas variável (63, 63 e 64, respetivamente), impresso na Typographia de A. J. da Silva Teixeira (Cancellaria Velha, 62, Porto).*

Eduardo de Barros Lobo foi a alma dos três números editados de *Vespas*, quando ainda trabalhava na cidade do Porto, apesar de já ter estado em Lisboa, numa curta passagem, para participar nos trabalhos preparatórios do ***Dicionário Contemporâneo***, de **Caldas Aulete**. Antes de iniciar as *Vespas*, Eduardo de Barros Lobo escrevera no ***Jornal da Manhã***, onde fez profissão de fé, durante cerca de nove meses, no **Partido Regenerador**, de **Fontes Pereira de Melo**. Inicia ainda ***As Vespas***, em 1879, da qual sairá apenas um único número (12 de Outubro), que antecede *Vespas*.

Os temas abordados em *Vespas* situam-se desde os de incidência geral aos que fazem enfoque na cidade do Porto.

A iniciar, o Autor dirige-se ao leitor explicando, em jeito de interrogação e com veia humorística: “Quem somos, d’onde vimos, para onde vamos?” – “Pódes a teu gosto julgar a aparição d’esta ligeira chronica um facto calamitoso, após as ultimas chuvas de janeiro, como o despontar d’um cogumelo venenoso; e todavia fazemos certo empenho em te declarar que o nosso rutilante enxame vem de caso pensado e rixa velha, através das enxurradas do inverno, com um propósito a nosso vêr meritório: o d’acordar no teu animo, como um excitante de satyras bem aguçadas e finas á flôr da epiderme social, a noção innata do senso commum, – ainda assim não tenho comum como á primeira vista parece, – visto que o jornalismo indígena, com a uniformidade marcial d’um *mot d’ordre*, se tem constantemente empenhado em a adormentar á força de velhacarias prudhommescas.” (n.º 1, pp. 7,8).

Depois deste introito, o Autor, em vez de dar o programa de intenções desta revista, prefere sintetizar a resposta àquela pergunta inicial – “somos na imprensa, apenas uma vez por mez, a expressão escripta do bom senso (...) vimos alli de cima, da calçada dos Clerigos, com a missão explicita de soltar sobre a época um bando d’ironias aladas (...) vamos (...) não para a gloria, pelo motivo bem simples de que é para o *Suisso*, a tomar café e cognac.

E convida o leitor: “Entra comnosco, senta-te, aceita uma chávena; e como a tua vocação não é evidentemente para cavaqueador scintilante, como tens o

gesto algum tanto pesado e a prosódia algum tanto minhota, como em cada seis palavras misturas, termo medio, duas obscenidades e um aforismo banana, esforça-te por tomar ao menos uma attitude correcta de quem escuta, faze por esboçar de tempos a tempos o sorriso de bom-tom que amenisa os largos silêncios com aparências de subtil adesão, e ouve” (n.º 1, p. 9).

E ouvimos – e lemos – as palavras críticas e humorísticas do Autor, que mensalmente quis levar ao público, mas apenas conseguiria por três meses. Nestes, o seu papel de jornalista e de defesa do jornalismo é vincado desde as primeiras páginas. Considera que o jornalismo devia ser “uma alavanca de progresso, um guia de civilização” (n.º 1, p. 13), e não “um agente destruidor” (n.º 1, p. 3) – “Funda-se um jornal para explorar as inclinações más do publico, para esconder as torpezas d’um partido, para colorir as delapidações d’um banco, para conseguir uma cadeira de deputado em S. Bento.” (n.º 1, p. 13).

Nas páginas seguintes dos três números editados, o Autor alarga-se a temas diversos: políticos, sociais, regionalistas. No segundo número, dá conta que o primeiro estimulou “um fremito de curiosidade, que se traduziu em varias formas d’apreciação. (...) Tivemos a invejável honra de provocar sobre as nossas Vespas todas as formas conhecidas da critica indígena, desde a apostrophe violenta até á apoteose rhetorica, com escala pelo desdém cheio d’importancia propria” (n.º 2, pp. 7, 8).

O terceiro número é dedicado ao padre **Francisco José Patrício**, que no Porto era sobejamente conhecido, intelectual que, entre outros temas, se dedicaria ao estudo da obra do architecto **Nicolau Nasoni**, o primeiro a fazê-lo em Portugal. No mesmo número, é dedicada uma extensa prosa a **Camões**, no ano do seu centenário, cujas comemorações já se tinham realizado. A findar este número, e antevendo o termo da publicação, o Autor refere: “Dei por finda a minha tarefa, edificado quanto aos progressos sociaes do paiz; e convencido de que as afirmações optimistas do centenário [Camões] não vieram senão acrescentar um mal á nossa sociedade, lisonjeando-a mais uma vez em lugar de a aguilhonar pela censura, – resolvi terminar aqui a missão critica das Vespas, fazer-me completamente burguez e não mais tornar a irritar as susceptibilidades patrióticas do indigena.” (n.º 3, p. 64).

*Vespas* é o exemplo de vida do seu Autor – projeto jornalístico efémero, na senda da dispersão em que se situou a sua vida profissional, numa prosa considerada na época como género menor, com o tom polémico que não cria afetos, antes inimizadas, que cultivou nos seus trinta e seis anos de vida. A efemeridade das suas publicações não se limitou a *Vespas*, também **O Arauto**, **O Mandarim** e **A Cega-rega**, editadas posteriormente.

Eduardo de Barros Lobo expressa em *Vespas* a sua passagem de prosador, que exercera anteriormente, para um crítico humorístico, os primeiros passos para o que viriam a ser os seus escritos seguintes, num jeito implacável, irreverente, por vezes usando o pseudónimo “**Beldemónio**” e um espírito irrequieto e verrinoso nas Letras, onde nesta sempre se situou

profissionalmente, como poucos no final do século XIX, mas que a história da Literatura ainda não trouxe para primeiro plano.

Por Jorge Mangorrinha

Lisboa, HML, 24 de Abril de 2013.

**FONTES:** *Vespas*. Porto e Braga: Libreria Internacional de Ernesto Chardron (editor), 1880.